

DIALÉTICA E LITERATURA

José Antonio SEGATTO*

SCHWARZ, R. **Martinha versus Lucrecia**: ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Uma quantidade excepcional e talvez incomensurável de livros, coletâneas, artigos, dissertações, teses etc. tem sido elaborada e publicada nas últimas décadas sobre os mais diversos temas e problemas, esferas e aspectos da sociedade brasileira, e entre eles há um número expressivo na área da cultura, em geral, e da literatura, em particular. Não obstante a vultosa quantidade, a imensa maioria desses trabalhos está entre aqueles que poderiam ser classificados como prescindíveis e/ou colocados na vala comum da irrelevância. O percentual dos que fornecem contribuição significativa e substancial para a compreensão do processo histórico brasileiro, como as investigações de Roberto Schwarz sobre a obra de Machado de Assis, é muito exíguo.

O resultado de alguns desses e de outros estudos do autor sobre literatura, cultura e relações sociais na formação histórica do país é apresentado e/ou reapresentado na coletânea de ensaios e entrevistas *Martinha versus Lucrecia*, publicada neste ano de 2012. Reunindo textos publicados originalmente em revistas e jornais, capítulos de livros, prefácio e posfácio, além de entrevistas, a antologia em pauta constitui um conjunto bem heterogêneo, enfocando temas e problemas os mais diversos: romance, poesia, teatro, arquitetura, música, teoria estética, filosofia, sociologia, política, história etc.

Do conjunto de ensaios constantes na compilação, podem-se destacar aqueles que tratam mais especificamente de literatura, dois dos quais – os mais relevantes – sobre a obra de Machado de Assis. O primeiro, “Leituras em competição”, compara análises de críticos nacionais e internacionais, produzidas nas últimas quatro ou cinco décadas sobre o escritor.

Desde meados do século XX – diz o ensaísta – o romance machadiano entrou para a galeria de obras clássicas e universais. Sua obra passou a ser traduzida e estudada no exterior, em particular nos Estados Unidos. Consagrada como universal, a obra do escritor recebeu o “selo de qualidade” (SCHWARZ, 2012, p.20). Essa crítica – embasada em teorias em voga como o *new criticism*, a desconstrução, os estudos culturais, a pós-modernidade etc. –, porém, ao mesmo

* UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – segatto@fclar.unesp.br

tempo que valorizava seu caráter universal, questionava seu realismo ou a forma de representação, “concebida como estrangeira à história” (SCHWARZ, 2012, p.12).

Para essa crítica, não seria, portanto, necessária a compreensão do processo histórico brasileiro para o reconhecimento da “qualidade superior de Machado.” Ou seja, seria “[...] um escritor pautado na tradição do Ocidente e não em seu país” (SCHWARZ, 2012, p.21). Nesse sentido “[...] a ênfase na particularidade histórica seria um desserviço prestado à universalidade do autor” (SCHWARZ, 2012, p.22).

Exemplar dessa corrente crítica é o importante estudo elaborado por Helen Caldwell em 1960, que, utilizando-se de Shakespeare como referência virou do “avesso a leitura corrente de *Dom Casmurro*” (SCHWARZ, 2012, p.23), obtendo “resultados de tipo universal” (SCHWARZ, 2012, p.26). Isso num ambiente “[...] como que atemporal e homogêneo das obras-primas do Ocidente, por meio da comparação abstrata de caracteres ou situações, e de análises também elas universalistas” (SCHWARZ, 2012, p.26).

Questionando esse enfoque interpretativo, Schwarz assevera que a obra não pode ser dissociada da experiência histórica ou da vida extraliterária. Dessa forma a postura do narrador (de *Dom Casmurro*) não pode ser compreendida se não relacionada “[...] às particularidades do patriarcalismo brasileiro do tempo, vinculado à escravidão e clientelismo, empapado de autocomplacência oligárquica, além de vexado pela sombra do progresso europeu” (SCHWARZ, 2012, p.27).

Paralelamente, no mesmo período, uma nova vertente crítica teria surgido no país, bem diversa daquela que, até então, julgavam Machado de Assis como um “clássico anódino” (SCHWARZ, 2012, p.12). O romancista passa a ser reavaliado e o “[...] centro da atenção desloca-se para o processo literário da realidade imediata, pouco notado até então” (SCHWARZ, 2012, p.13).

Em lugar do pesquisador das constantes da alma humana, acima e fora da história, indiferente às particularidades e aos conflitos do país, entrava um dramatizador malicioso da experiência brasileira. Este não se filiava apenas aos luminares da literatura universal, a Sterne, Swift, Pascal, Erasmo etc., como queriam os admiradores cosmopolitas. Com discernimento memorável, ele estudara igualmente a obra de seus predecessores locais, menores e menos do que menores, para aprofundá-la. Mal ou bem, os cronistas e romancistas cariocas haviam formado uma tradição, cuja trivialidade pitoresca ele soube redimensionar, descobrindo-lhe o nervo moderno e erguendo uma experiência provinciana à altura da grande arte do tempo (SCHWARZ, 2012, p.13-14).

As avaliações estéticas e/ou formais dessa vertente crítica¹ – da qual o autor, Schwarz, sem “falsa modéstia” representaria o zênite – tornavam-se então “[...]”

¹ O autor, além de depreciar o trabalho de Raimundo Faoro, parece ignorar solenemente analistas como Astrojildo Pereira, Brito Broca, Eugênio Gomes, Lúcia Miguel-Pereira etc., só para citar alguns

inseparáveis do seu lastro histórico específico, obrigando à reflexão sobre o viés próprio da formação social ela mesma” (SCHWARZ, 2012, p.15).

Da análise comparativa das duas linhas de interpretação da obra de Machado de Assis, Schwarz busca, a partir das diferenças, discutir a problemática do local e do universal. E o faz, tomando como exemplo uma interessante crônica de Machado, intitulada “O punhal de Martinha” de 5 de agosto de 1894.

No ensaio, estão colocadas indagações como: É possível ler um romance como o de Machado de Assis, tratando de problemas universais, sem o conhecimento da realidade histórica em que o enredo é construído? A narrativa por si mesma já não oferece elementos e subsídios para a compreensão da realidade histórica particular? O conhecimento do processo histórico em que a obra está inserida e/ou foi produzida seria condição *sine qua non* para o perfeito entendimento da obra? Ou ainda, somente por meio do exercício analítico da dialética do singular, do particular e do universal seria possível apanhar a plena complexidade da obra? São essas e outras questões, cremos, que estão por trás desse debate.

O segundo texto da coletânea que trata da obra de Machado de Assis, “A viravolta machadiana”, é, de fato, uma síntese dos dois livros de Schwarz sobre o romancista: *Ao vencedor as batatas* (1977) e *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990). Publicado originalmente em italiano no quinto volume (editado pela Einaudi em 2003) da coleção *Il romanzo*, organizada por Franco Moretti e outros, nele o crítico discute como nos anos 1880/1908 o escritor, em alguns romances e dezenas de contos com valor excepcional, superou em muito o que havia sido produzido na literatura brasileira até aquele momento. Superação, no entanto, que não era uma ruptura, pura e simplesmente, mas – o crítico aqui incorpora teses de Antonio Candido – resgate dos românticos, seus predecessores, em outros termos, “[...] o mesmo complexo temático, ideológico e estético, agora sem a névoa protetora da cor local e da autocongratulação patriótica” (SCHWARZ, 2012, p.276). Explicitando a proposição, afirma que Machado rearranjará

[...] a parafernália da ficção romântica de modo a sintonizá-la com uma questão histórica real, embutida nas linhas características da sociedade brasileira, que lhe imprimiam a nota específica. Burguês e escravocrata ao mesmo tempo, o Brasil dava forma mercantil aos bens materiais, mas não desenvolvia o trabalho assalariado, donde uma problemática especial, *de classe*, à qual aludem esses romances. Assentado na agricultura escravista, cuja influência se estendia à vida urbana, o país fazia que os homens livres e pobres – nem proprietários, nem proletários – vivessem um tipo particular de privação ou de semiexclusão. Não tinham como dispensar o guarda-chuva da patronagem [...] na falta da propriedade só a proteção salva alguém de ser ninguém, mas sem torná-lo um igual. Assim, as *relações de favor*, incompatíveis com a impessoalidade da

estudiosos da obra de Machado de Assis que a vincularam ao específico processo histórico brasileiro.

lei, ou, pelo outro lado, inseparáveis de muito personalismo, intermediavam a reprodução material de uma das grandes classes da sociedade, bem como o seu acesso aos circuitos da civilização moderna [...]. A marca discrepante que resultou daí sobreviveria à abolição da escravatura e veio até os nossos dias, funcionando ora como inferioridade, ora como originalidade, segundo o momento (SCHWARZ, 2012, p.259).

Embasado em formulações de G. Lukács – presentes sobretudo em *A teoria do romance* de 1916 –, segundo as quais o romance é a conversão de relações sociais em forma literária e no conceito de refração de T. Adorno, Schwarz elaborou, nas obras referidas e condensadas nesse texto, uma das mais importantes e polêmicas análises da ficção machadiana.

Sua tese fulcral é a de que Machado de Assis realizou, nos romances posteriores a 1880, uma das mais significativas interpretações do Brasil no século XIX, e mais, antecipou e/ou apanhou tendências e linhas da história do país, que viriam a ganhar configurações mais nítidas ou mesmo plenas no decorrer do século XX. Paralelamente, tendo como ponto de partida a “interpretação” machadiana e agregando análises de Fernando Henrique Cardoso – presentes em seus estudos sobre capitalismo e escravidão, empresários industriais e dependência e desenvolvimento –, Schwarz tem a pretensão, isso fica implícito e pressuposto, mesmo de construir uma nova teoria da história do Brasil, intentando caracterizar, em forma de síntese, as especificidades da nossa formação social periférica, inserida no circuito de produção e reprodução global do capital em condições de subalternidade.

Expondo em linhas muito gerais a interpretação de Schwarz da obra de Machado de Assis, entendemos não ser possível, no espaço de uma despreziosa resenha, discutir mais minuciosamente a validade ou não dessa ambiciosa operação analítica do romance machadiano e suas implicações teóricas e históricas.

Outros dois ensaios sobre literatura retomam preocupações e problemas congêneres aos abordados nos anteriores sobre Machado de Assis. No primeiro, sobre a poesia de Francisco Alvim, denominado “Um minimalismo enorme”, Schwarz afirma:

Na grande tradição de Machado de Assis, o poeta conhece a ligação interna entre os opostos da sociedade brasileira e recusa as fixações estereotipadas. Os sem-direito são capazes de civilidade peculiar, e também de truculência aprendida com os de cima. Ao passo que os esclarecidos aspiram à malandragem desculpável dos pequenos delinquentes, sem prejuízo dos momentos de altura amorosa ou reflexiva, ou de barbárie (SCHWARZ, 2012, p.119).

Já no segundo, sobre o último romance de Chico Buarque, *Leite derramado* (de 2009), “Cetim laranja sobre fundo escuro”, além de vários paralelos estabelecidos com *Dom Casmurro*, ao analisar a postura da personagem narradora, diz o ensaísta

que temos aí “[...] uma situação literária machadiana, em que a crítica social não se faz diretamente, mas pela autoexposição ‘involuntária’ de um figurão” (SCHWARZ, 2012, p.146). Enfim, temos nos dois textos os mesmos recursos teórico-históricos utilizados nos estudos sobre Machado de Assis, sendo mobilizados na análise.

Há ainda um longo ensaio sobre a autobiografia de Caetano Veloso, *Verdade tropical* de 1997, tratada como literatura. Segundo o autor, partes da autobiografia podem ser lidas “como um excelente romance de idéias” (SCHWARZ, 2012, p.52), podendo, até mesmo, serem colocadas “ao lado de congêneres literários ilustres” (SCHWARZ, 2012, p.53), como Manuel Bandeira, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade e Oswald de Andrade. Feitos os elogios, passa a criticar a afetação do músico e sua dubiedade política por manifestar opiniões condescendentes em relação ao golpe de 1964, por compartilhar “os pontos de vista e o discurso dos vencedores da Guerra Fria” (SCHWARZ, 2012, p.109) ou por apresentar vacilações diante das posições da esquerda etc. O exame crítico da autobiografia permite a Schwarz retomar e desenvolver antigas teses sobre o significado do tropicalismo já presentes em seu texto “Cultura e política”, produzido no início dos anos 1970. O ensaio, além da indevida caracterização da autobiografia como “boa literatura”, passa a impressão de um acerto de contas com as posições e postura política do músico. Ou seja, o artista é julgado por aquilo que foi e cobrado por aquilo que deveria ter sido e que não foi, e nem pretendeu ser, consoante os desejos do crítico.

Cabem ainda alguns comentários sobre um pequeno texto, inserido na coletânea, que, apesar de não tratar diretamente da literatura, envolve um problema que é um dos pressupostos fundamentais de suas teses sobre Machado de Assis em particular e da formação social brasileira em geral. Trata-se de escrito que procura esclarecer, segundo o autor, mal-entendidos e incompreensões sobre seu ensaio, “Ideias fora do lugar”, publicado nos anos 1970, e que gerou muitas polêmicas. Nele Schwarz procurava, tomando como referencial as teses de Marx a respeito da ideologia alemã, explicar o capitalismo brasileiro e suas vicissitudes, no século XIX e posteriormente, na óptica da adequação/inadequação do ideário liberal numa sociedade escravocrata. Agora, mais de três décadas após vir a público, o crítico – além de retomar o debate com seus críticos, como Alfredo Bosi e Maria Sylvia de Carvalho Franco, refutando seus juízos – reitera que seu objetivo jamais foi o de assegurar “[...] que as instituições e ideias progressistas do Ocidente são estrangeiras e postíças em nossos países, mas sim de discutir as razões pelas quais parece que seja assim.” Dito de outro modo pelo autor, “tratava-se de esclarecer as razões históricas pelas quais as ideias e as formas novas” provocavam uma “[...] sensação de estranheza e artificialidade, mesmo entre seus admiradores e adeptos” (SCHWARZ, 2012, p.167). Feitas as ressalvas e as devidas justificativas, confirma a tese de que o liberalismo no Brasil do século XIX foi “[...] uma comédia ideológica original, distinta da européia” (SCHWARZ, 2012, p.169).

Os demais textos que compõem a coletânea, por tratarem de temas ou assuntos os mais diversos e por destoarem, até certo ponto, dos propósitos centrais desta resenha, pois têm como objetivo desde afiançar e homenagear até apresentar saudações e panegíricos a Gilda de Mello e Souza, Bento Prado Jr., Michael Löwy, Sérgio Ferro, J. A. Giannotti, Francisco de Oliveira (prefácio) e Pedro Fiori Arantes (arguição de trabalho de conclusão de curso de Arquitetura). Além desses, completam a antologia três entrevistas que abordam outros inúmeros assuntos.

Se, de fato, o livro é uma miscelânea que de tudo tem um pouco, é também e essencialmente expressão de uma corrente de pensamento e uma síntese de toda a obra anterior de Roberto Schwarz.